



Recebido em:
05/07/2017
Aprovado em:
06/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A LEITURA NA UNIVERSIDADE: O PERFIL LEITOR DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFT, CAMPUS DE ARRAIAS

SAFIRA MICAELLE ANDRADE DO PRADO
ADRIANA DEMITE STEPHANI
SONIA MARIA DE SOUSA FABRICIO NEIVA

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Resumo: O presente texto objetiva discutir a leitura na universidade, principalmente em cursos de formação de professores. Nesse intuito, faz-se aqui um recorte dos resultados da pesquisa realizada em 2015/2016, integrante do projeto "A Leitura e a produção textual na graduação: o real e o ideal", que busca traçar o perfil de leitura dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Câmpus de Arraias. A pesquisa de campo em tela, de caráter quali-quantitativa, foi realizada por meio de aplicação de questionários semiestruturados destinados às turmas do 1º, 5º e 9º períodos do curso de Pedagogia. Para orientar nossas reflexões, utilizamos, como base teórica, os estudos de Freire (1987; 1992), Bamberger (1988), Foucambert (1994), Martins (2003), Failla (2012), Soares (2005), Stephani (2009; 2011; 2014) dentre outros que discutem os benefícios da leitura. Os dados apontam que os participantes da pesquisa ingressaram à universidade trazendo inúmeras lacunas educacionais e pessoais no que concerne ao desenvolvimento do hábito da leitura e estas são oriundas de diversos fatores, dentre eles, as condições socioeconômicas e familiares nas quais estão inseridos. Além disso, percebeu-se que para esses universitários a leitura na universidade ainda está associada a uma obrigação acadêmica, permanecendo, na maioria das vezes, restrita ao que os professores indicam.

Palavras-chave: Perfil de Leitura. Universitários. Pedagogia. UFT.

Abstract: The present text aims to discuss the reading at the University, especially in teacher formation courses. For this, it is made here a cut of the results of the research carried out in 2015/2016, part of the project "Reading and textual production in the undergraduate program: the real and the ideal", which seeks to draw the reading profile of the course's students of Pedagogy of the Federal University of Tocantins - UFT, Campus of Arraias. The qualitative and quantitative field survey was carried out through the application of semi-structured questionnaires for the 1st, 5th and 9th periods of the Pedagogy course. To guide our reflections, we used, as theoretical basis, the studies of Freire (1987, 1992), Bamberger (1988), Foucambert (1994), Martins (2003), Failla (2012), Soares (2005), Stephani (2009; 2011; 2014) among others who discuss the benefits of reading. The data indicate that the participants of the research entered the university bringing numerous educational and personal gaps regarding the development of the habit of reading and these come from several factors, among them, the socioeconomic and family conditions in which they are inserted. In addition, it was noticed that for these university students reading at the university is still associated with an academic obligation, remaining, in most cases, restricted to what the teachers indicate.

Keywords: Reading Profile. University students. Pedagogy. UFT.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu das inquietações surgidas pelas observações e estudos por parte das autoras deste, tanto no decorrer da graduação quanto na atuação enquanto docentes no ensino superior, no que concerne às dificuldades de leitura e compreensão de textos por parte de universitários. Assim, pretendeu-se aqui traçar o perfil de leitura dos acadêmicos do curso de Pedagogia – UFT, Câmpus de Arraias, bem como, discutir como que este interfere tanto na qualidade de sua formação, quanto em sua futura atuação como formadores de leitores. E, por acreditar que essa formação seja influenciada por inúmeros fatores como estrutura familiar, condições socioeconômicas, culturais, educacionais, dentre outras, é que se decidiu realizar essa pesquisa.

Ainda, nessas observações realizadas pelas pesquisadoras, percebeu-se que o ato de ler muitas vezes se restringia às leituras orientadas pelos professores em sala; todavia, fez-se pertinente investigar se isso era apenas impressão ou se ocorria de fato. Além disso, muitos desses alunos, apesar de contarem com uma razoável estrutura física oferecida pela Universidade – que inclui a presença de laboratórios de informática, biblioteca com acervo em expansão, bem como, uma equipe de docentes qualificados e servidores do quadro administrativo que prestam suporte ao seu funcionamento – nem sempre usufruíam de toda essa estrutura.

Diante dessas inquietações, surgiu uma que nos preocupou e que justifica tal aflição: como uma pessoa que não lê (ou lê pouco ou mal lê) terá conhecimento e habilidades para formar um leitor, uma vez que o curso de Pedagogia tem como uma de suas funções formar profissionais que atuarão como formadores/incentivadores de leitores

Nessa linha, em 2010 foi criado um grupo de pesquisa de caráter contínuo do qual fazemos parte, onde nos primeiros momentos se realizou mapeamentos do perfil de leitura dos ingressantes do curso de Pedagogia. No entanto, como surgiu uma lacuna no que tange aos dados dos avanços ou retrocessos que esses acadêmicos sofrem durante o seu período de formação dentro da universidade, com um novo olhar sobre o tema, percebemos a importância de se traçar o perfil de leitura dos acadêmicos através de comparação entre questionários de turmas distintas, contribuindo através dos dados para que a instituição perceba seus percalços e assim possa realizar seu papel perante a sociedade.

Assim, passou-se a fazer parte das investigações do grupo de pesquisa, os alunos dos diversos períodos e turnos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, campus de Arraias. O recorte que trazemos aqui, seguindo a linha de pesquisa de caráter quali-quantitativa, origina-se da aplicação de questionários semiestruturados destinados às turmas do 1º, 5º e 9º períodos do curso de Pedagogia no período de 2015/2016.

Para orientar nossas reflexões, utilizamos, como base teórica, os estudos de Freire (1987; 1992), Bamberger (1988), Foucault (1994), Martins (2003), Failla (2012), Soares (2005), Stephani (2009; 2011; 2014) dentre outros que discutem sobre os a relação do indivíduo com a leitura.

2 LEITURA: UMA TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO

Antes de iniciarmos nossas discussões sobre o perfil de leitura dos alunos do curso de Pedagogia, faz-se necessário apresentarmos alguns entre os vários conceitos de leitura existentes – uma vez que ela possui diversos significados e que às vezes são até contraditórios, e que parecem estar tratando de assuntos distintos. Traremos aqui a discussão da leitura não restrita à decodificação pura e simples dos símbolos.

Considerando a leitura como fundamental para o aprendizado do aluno e que, conseqüentemente, traz implicações na sua formação escolar, profissional e social, é alarmante o que os números de diversas pesquisas apontam sobre o desapego ao ato da ler (FAILLA, 2012), principalmente em se tratando de acadêmicos dos cursos de licenciatura, uma vez que estes estão se preparando para a carreira docente e em tese formarão leitores (STEPHANI, 2014, 2011, 2009).

O ato de ler deveria ser algo rotineiro, estimulante e prazeroso para todos em virtude, principalmente, de todos os benefícios que ele traz. Todavia, a realidade está muito distante desse ideal. E, talvez, a dificuldade seja gerada pela não compreensão do que é leitura ou o ato de ler.

Em um de seus textos, Martins (2003) deixa claro ser preciso, antes de tudo, considerar a leitura como um processo

de compreensão das expressões formais e simbólicas, não importando por meio de qual linguagem. Com isso, percebemos que a leitura pode ocorrer de maneiras diversas e não somente na leitura de livros como muitos a concebem. Além disso, podemos dizer que a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele. Dessa forma, ler deixa de ser apenas um processo de decodificar para se tornar algo maior, como interpretar e compreender.

Em consonância com essa linha de pensamento, Freire (1992, p. 19-20), argumenta que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Dessa maneira, realça-se a relevância do ambiente onde se está inserido o leitor para compreensão do texto lido, podendo ocorrer diversas leituras de um mesmo texto. Nessa perspectiva, família, escola e governo deveriam assumir o compromisso de possibilitar leituras que valorizem os aspectos históricos e culturais dos leitores, para que assim possam desenvolver leituras de forma espontânea. Porém, são frequentes as leituras vazias de significados e que não se relacionam com a cultura do aluno, deixando-o restrito à realização de leituras mecanizadas, estando alheio aos reais e totais sentidos delas.

Sobre o que buscamos entender por leitura, Martins (2003, p. 17) afirma que:

[q]uando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam –aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa.

Isso significa que a leitura, ou melhor, o ato de ler consiste em qualquer forma de informação que o homem seja capaz de perceber e interpretar, ocorrendo na leitura de imagens, fatos do dia a dia, manifestações artísticas etc.

Na relação texto e leitor, ao segundo confere sempre a posição de (re)escritor, estando a cada leitura realizada, o descobrimento de um novo sentido, uma nova visão. Serão suas vivências, culturas, crenças etc. que o auxiliarão nessa tarefa, muitas vezes árdua, porém, de frutos gratificantes, de questionamento, compreensão, complementação e muitas vezes construção de sentidos do texto.

A esse respeito, Foucambert (1994, p. 5) discorre que, “ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito [...] ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo [...]”. Dessa forma, ser leitor faz do homem um questionador de sua realidade, e será a partir de suas práticas de leitura que ocorrerá a fruição, o prazer em virtude do desejo pelo conhecimento.

Não obstante, não se podem omitir os fatos afirmando que toda a sociedade, em suas diferentes posições de classe, utiliza a leitura da mesma maneira, pois, enquanto uma minoria elitizada possui acesso às mais diversas formas de linguagem e as utiliza para a dominação, para os desprovidos economicamente, a leitura costuma ser apenas uma ferramenta de sobrevivência em meio às dificuldades enfrentadas. Como nos afirma Saviani (1976), depois de todas as reformas educacionais frustrantes em nosso país, o papel que a escola desempenha é evidente, sendo “reproduzir a sociedade de classes e reforçar o modo de produção capitalista” (p. 17). Assim, não se pode desvincular o processo de aquisição e ampliação da habilidade leitora dos meios de dominação elitista.

Como podemos perceber, um mesmo texto pode ser a chave para libertação de um homem como também de seu aprisionamento; tudo dependerá das capacidades e habilidades de leituras adquiridas/desenvolvidas. E isso é o que tem nos preocupado na Universidade, pois em nossas observações foi possível perceber a falta de criticidade nas leituras e questionamentos por parte dos alunos que frequentam o curso de Pedagogia da UFT, Câmpus de Arraias.

E de onde vem essa falta de criticidade quanto à leitura De casa Da Educação Básica No item a seguir falaremos das condições sociais da leitura por entendermos que ela influencia diretamente na cultura da leitura – principalmente a

literária – da região pesquisada.

3 CONDIÇÕES SOCIAIS E RELAÇÕES DE PODER DA LEITURA

É de suma importância para o enriquecimento literário da criança um ambiente que permita o contato com os livros. “Na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros de gravuras é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário, e mais importante ainda para a motivação da leitura” (BAMBERGER, 1988, p. 24). Isso mostra que as diferenças de classe presentes na sociedade podem influenciar neste processo, uma vez que as famílias menos favorecidas economicamente tendem a não cultivar o hábito de leitura com seus filhos, deixando essa função exclusivamente sob a responsabilidade da escola.

Martins (2003, p. 18), ao discutir os fatores que dificultam a formação do sujeito leitor, menciona que,

[q]uando, desde cedo, veem-se carentes de convívio humano ou com relações sociais restritas, quando suas condições de sobrevivência material e cultural são precárias, restando também suas expectativas, as pessoas tendem a ter sua aptidão para ler igualmente estrangida; [...] a questão aí está mais ligada às condições de vida, a nível pessoal e social.

Não se está afirmando que crianças de famílias carentes não tenham capacidade de adquirir o gosto pela leitura, mas pode-se assegurar que terão de realizar maiores esforços na busca deste bem cultural renegado a sua classe.

Com isso, um dos motivos da má formação de leitores no Brasil está na ausência de políticas públicas assertivas, através de um ensino público de qualidade que forme leitores críticos, principalmente para os marginalizados e oprimidos da sociedade. Desenvolver o pensamento crítico nos oprimidos poderia provocar o fim da superioridade cultural e social, perdendo-se a influência sobre eles, isso porque, “[...] numa sociedade hierarquizada com base em classes sociais, a distribuição desigual das técnicas de acesso aos bens simbólicos reforça e realimenta as características excludentes dessa sociedade” (MARTINS, 2003, p. 7).

Diante desse contexto, é importante que o professor, ao trabalhar com pais e alunos carentes de acesso aos bens culturais e econômicos, apresente a eles a leitura como mais uma alternativa de comunicação, obtenção de conhecimento e de garantia da própria existência humana. Isso porque, sendo o educador um trabalhador “[...] exige-se dele uma coerência de classe, que deve ser expressa por meio de seu compromisso de lutar pela classe oprimida, cabendo-lhe a missão fundamental de desmistificar, desvelar para os alunos a sociedade capitalista, de classes” (WENZEL, 1994, p. 13).

Para Soares (2005), o que as camadas populares recebem é quase sempre a mera alfabetização, a decifração dos símbolos. Depois disso, dificulta-se e até mesmo impossibilita-se o acesso ao mundo letrado, pois para elas são disponibilizadas bibliotecas precárias e livros com valores fora das suas condições financeiras. Entender as dificuldades de acesso à leitura vai além de encontrar culpados pelos desastres recorrentes, pois se trata de uma cadeia de motivos que se embaraçam entre si, dificultando ações transformadoras.

Entretanto, a realidade, salvo raras exceções, é de um sistema escolar que se acomoda frente às relações de poder, renegando aos seus alunos o domínio da linguagem, ferramenta que os possibilitaria interagir com o mundo. É necessário assumir uma postura de problematização, onde a leitura de textos não tenha o fim em si mesmo, mas que abra horizontes para as vivências cotidianas.

Por isso, entendemos como fundamental para a solução dos problemas de leitura em nosso país, pesquisas nos cursos de licenciatura, principalmente nos de Pedagogia, por serem esses leitores de hoje os futuros incentivadores da leitura de amanhã. Sobre essa questão Soares (2005, p. 28) menciona que,

[...] aqueles que formam leitores [...] desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas

condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere.

Dessa forma, acreditamos que as causas que determinam o mau desempenho de leitores em nosso país sejam frutos de uma gama de influências sociais, econômicas, ideológicas, familiares, culturais entre outras; e não apenas por culpa dos alunos – como muitos buscam disseminar. Sabe-se também que essa dificuldade de aquisição do hábito de ler enfrentada na universidade é trazida de fases anteriores da vida desses acadêmicos, todavia, espera-se que, por cursarem um curso de graduação, já tenham uma maior consciência dessas lacunas e tentem a preenche-las no intuito de melhor e/o atingir uma formação satisfatória.

Como podemos perceber, os conceitos de leitura variam, assim como as interferências sociais na aquisição do seu hábito. Em face das realidades discutidas, podemos afirmar que os detentores da prática da leitura por desejo de informação e lazer, além de se inteirarem da cultura do seu grupo, conquistam também possibilidades de abandonar a posição de receptor das ideologias alheias, para serem escritores de suas próprias histórias.

Freire (1987, p. 5) complementa essa ideia ao mencionar que o sentido da alfabetização consiste em “[...] aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicarizar-se”. Um dos fatores fundamentais para uma alfabetização emancipadora é que o educando no momento da leitura consiga enxergar a si próprio no meio daquilo que está sendo lido, se posicionando como o coautor do texto, e assim, de uma leitura partindo das partes, consiga alcançar um significado global.

Ao tratar do abismo intelectual que divide as classes brasileiras, Buarque (2011, p. 10) nos diz que “[...] sem uma revolução que aproxime ricos e pobres, dando a todos a mesma chance de desenvolver plenamente seus talentos e seu potencial, o Brasil não derrubará esses muros, e continuará profundamente injusto e desigual”. É evidente o descontentamento do autor em relação ao desfavorecimento de classes em relação às oportunidades de desenvolvimento sociocultural oferecidas atualmente no Brasil, sendo essas oportunidades alcançadas somente através de uma educação que vise à equidade interpretativa nos vários níveis de leitura e dando reais e iguais oportunidades de participação nos vários meios constituintes do todo social.

4 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Objetivamos aqui traçar o perfil de leitura dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFT, Câmpus de Arraias, destacando a importância da boa formação de professores que trabalharam diretamente com leitura, servindo como reflexão dos profissionais que estão sendo formados todos os anos nas instituições de nível superior.

Todavia, de acordo com Gil (1991, p. 145), “quando, porém, o universo é numeroso e esparso, é recomendável a seleção de uma amostra”. Assim o fizemos: selecionamos 3 (três) turmas de um total de 9 (nove), sendo o 1º, 5º e 9º períodos. O total de matriculados nessas turmas eram 83 alunos e conseguimos aplicar o questionário a 61 destes, que corresponde aproximadamente a 73% do total das turmas em epígrafe.

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pela pesquisa de campo, de caráter qualitativo, mas que também se utilizou de dados quantitativos. Gil (1991, p. 90) afirma que:

Muitos estudos de campo possibilitam a análise estatística de dados, sobretudo quando se valem de questionários ou formulários para coleta de dados. No entanto, diferentemente dos levantamentos, os estudos de campo tendem a utilizar variadas técnicas de coleta de dados. (Daí por que, nesse tipo de pesquisa, os procedimentos de análise costumam ser predominantemente qualitativos).

As etapas da pesquisa foram: elaboração de projeto de pesquisa; revisão de literatura; e, coletas e análise de dados. Na etapa da revisão de literatura, analisamos estudos de pesquisadores ligados à temática do trabalho. As buscas por tais registros foram feitas em livros, periódicos impressos e eletrônicos, enciclopédias, dicionários, teses e dissertações.

A coleta de dados foi feita através da aplicação de questionários, formulados por questões fechadas e abertas, com o intuito de revelar como se configura o comportamento dos estudantes em relação à leitura. Quanto à sua estruturação, foram organizados em quatro partes (que se configuram com categorias de análise), sendo a primeira relacionada ao perfil socioeconômico do público pesquisado; a segunda refere-se aos contatos com a leitura na infância; a terceira investigou as leituras realizadas no ensino fundamental e médio; por fim, a quarta parte relacionada com a leitura no ensino superior. Foram elaborados 2 (dois) modelos de questionários; um exclusivamente para o primeiro período do curso e outro para o quinto e o nono, onde foram acrescentadas mais questões sobre a leitura no ensino superior.

5 RESULTADOS

Na presente pesquisa, partimos de uma concepção teórico-metodológica que defende os estudos e a preocupação com a formação universitária dos professores; estes que, em algumas regiões, são os únicos promotores/incentivadores de leitura. Diante disso, acreditamos que compreender a realidade dos cursos de licenciatura faz-se necessário para a compreensão da crise da leitura no país.

Os dados da pesquisa, ora apresentada, apontam que, ainda hoje a formação para a docência é composta na maioria pelo sexo feminino, variando de 73% a 90% entre as turmas pesquisadas. Constata-se também que a maioria dos participantes da pesquisa não trabalha: sendo 73% no primeiro período, 70% no quinto e 84% no nono, com isso espera-se que haja entre eles maior dedicação em relação aos estudos.

Quando se cruzam os dados com os resultantes de outra questão – acerca de receberem ou não o auxílio de bolsas –, 82% dos alunos entrevistados do primeiro período não recebem, enquanto 70% do quinto e 63% do nono possuem essa ajuda para custearem suas contas no período de estudos. Cabe lembrar que, exceto a bolsa quilombola, as demais possuem um calendário de seleção que muitas vezes não permite que alunos do primeiro período do curso consigam-nas logo que adentram a universidade. Todavia, os números das demais turmas são bem expressivos e sugerem que esses alunos bolsistas não necessitam adentrarem ao mercado de trabalho antes de concluírem a formação superior, o que se remete a imaginar que ocorrerá maior engajamento dos alunos quanto a sua formação, com maior disponibilidade de tempo para estudos e leituras.

Quando questionados acerca da profissão dos pais dos alunos, os números evidenciam que a maioria das mães, conforme respondem os alunos, encontra-se no nível fundamental de escolaridade, sendo 50% no primeiro período, 85% no quinto e 48% no nono, demonstrando a pouca escolaridade delas. Algo que também se repete com os pais, onde 46% no primeiro, 68% no quinto e 88% do nono período possuem pais com ensino fundamental, número considerável, uma vez que no nono período não há pais com ensino a nível superior, ou seja, há um número considerável de pais sem nenhuma escolaridade.

Outra questão que pode contribuir para o entendimento sobre os hábitos de leitura dos alunos do curso de Pedagogia é evidenciar suas *formas de lazer*, demonstrando a estreita relação da leitura com a obrigação. Nessa questão os alunos puderam optar por mais de uma forma de lazer (assistir televisão, navegar na internet, assistir filmes, leitura de livros, esportes e outras atividades), para que assim pudéssemos descobrir o que de fato gostam de fazer quando estão nos momentos distantes das obrigações escolares. Dentre as opções disponíveis, a maioria escolheu como preferências assistir televisão e filmes, além de navegar na internet. Aqui nota-se o poder de atração das tecnologias em relação à leitura de livros e atividades esportivas.

Nesse sentido, evidenciou-se também que a leitura livre de pretextos avaliativos e escolares não é tão habitual entre os alunos dos três períodos pesquisados, o que nos chama à atenção, pois estamos falando de um público universitário de um curso que forma incentivadores/mediadores de leitura.

Quando se cruzam os dados com os resultantes de outra questão constata-se uma relação entre elas, pois nota-se que dentre os períodos/turmas pesquisados/as, apenas no primeiro há a indicação de que a maioria dos pais costuma ler. Ressalta-se que a pergunta não permitia aos alunos colocarem o tipo de livro, porém mesmo assim vários deles indicaram a bíblia como a leitura realizada por seus pais. Talvez por esse motivo o primeiro período se diferenciou dos demais nesse aspecto, pois esse fato não ocorreu nas outras turmas. Supõe-se que, pelos pais não possuírem o hábito da leitura, não tenham conseguido incentivar o gosto dela com seus filhos.

É o que podemos comprovar através das respostas sobre se os pais dos entrevistados costumavam comprar livros para eles quando criança, onde a maioria afirmou que não, sendo 73% do primeiro período, 65% do quinto e 63% do nono. Esses números expressos ilustram a realidade brasileira tanto no aspecto econômico (o pão ou o livro) quanto social e cultural (Livro é presente É importante É realmente necessário). Estamos distantes de sermos considerados possuídos de uma cultura da leitura e do livro. Não é uma questão de resgate ou retomada e sim de criação de um hábito/costume/cultura ainda não existente no país.

Outro ponto significativo deste trabalho foi pesquisar como esses alunos consideram seu acesso à leitura na infância, para que assim, se pudesse fazer posteriormente uma ligação desta com seus hábitos de leitura na universidade. Os dados apontam uma mínima porcentagem de alunos que responderam que o contato com a leitura na infância foi “bom”, ficando a maioria a escolher a opção “pouco” e outros que “poderia ter sido melhor”. Essas afirmações vêm ao encontro das ideias apontadas anteriormente, onde pais com pouca formação acadêmica e que não possuem o hábito de ler, quase sempre não possibilitam situações e condições para seus filhos desenvolverem o hábito da leitura.

Percebe-se que, – nos números referentes à questão sobre como os entrevistados consideravam seu contato com a leitura no Ensino Fundamental e Médio – a carência quanto ao hábito de leitura continua. Aqui a leitura em todos os períodos pesquisados encontra-se no nível “insuficiente” e “razoável”, variando entre 68% a 84% entre eles.

Percorrido a trajetória de leitura dos alunos de Pedagogia desde a infância até o ensino médio, adiante analisaremos os hábitos de leitura no ensino superior. Em relação à leitura no ensino superior, acreditamos que um dos pontos cruciais para análise é quantidade de horas dedicadas à leitura por dia, para se ter uma ideia sobre o engajamento dos alunos quanto a sua formação.

Analisando os números apontados, percebe-se que o tempo de dedicação à leitura é muito singelo, sobressaindo a opção “menos de 1h/dia” no 1º e 5º períodos. Em relação ao 9º período, há uma pequena diferença, se mantendo entre 1h e 2h por dia. No entanto, infere-se que essa diferença apresentada deve-se a realização do trabalho de conclusão de curso. Sabe-se que são diversas as leituras exigidas em curso superior e de acordo com os números coletados, a quantidade de horas mencionadas pelos entrevistados demonstra-se insuficiente. Ressalta-se que não foram delimitados quais tipos de leitura realizadas, dessa forma inclui-se nesse tempo dedicado suas diversas formas, tanto àquelas provenientes da indicação de professores como as feitas de forma espontânea.

Também se questionou sobre a motivação para a leitura dos entrevistados, algo que nos chama à atenção. Conforme expressam os números, 52% no primeiro período, 57% no quinto e 63% no nono afirma que lê devido aos estudos, ou seja, mesmo não apontando que seja por obrigação, demonstram haver um motivo único para leitura. Nesse sentido, depreende-se que se não houvesse estudos, não leriam.

Os próximos números demonstram a leitura referente apenas ao 5º e 9º períodos, devido aos alunos do 1º período serem iniciantes no curso e dessa forma, ainda não possuem informações consolidadas para responder às questões seguintes. Assim, questionamos se já haviam feito alguma leitura além das solicitadas por seus professores do curso. Os números expressos nesses gráficos apontam que a maioria dos pesquisados afirma ler obras além das solicitadas pelos professores do curso.

Porém, se fizermos uma comparação com a questão seguinte, percebe-se algo contraditório entre elas, já que na referida questão os alunos afirmam ler obras além das solicitadas. Já nessa, o discurso muda, pois os mesmos afirmam que quando realizam leituras são geralmente as que os professores recomendam, sendo 65% no quinto período e 84% no nono.

Perguntamos também como os alunos se comportavam frente às leituras solicitadas pelos professores. Apenas 15% do quinto período e 17% do nono afirmaram que “lê todas as obras”, ficando a maioria entre a opção “lê algumas das obras” e “nunca lê todas as obras”. Percebe-se algo preocupante que nos remete à seguinte indagação: como fazem o curso sem ler as obras sugeridas Na verdade, se considerarmos que os alunos permanecem restritos ao que o professor indica, perceberemos que além de suas leituras serem limitadas, ainda não leem por completo todas as obras indicadas/sugeridas/obrigatórias, podendo ser um dos fatores da má formação de professores no Brasil.

Quando perguntados como eles “consideram seu contato com a leitura no ensino superior”, encontramos algo contraditório e que sugere uma falta de criticidade, já que as respostas dos alunos não condizem com as questões

analisadas anteriormente. Mesmo afirmando que não leem tudo que é exigido pelas disciplinas, ainda acreditam que seu nível de leitura é razoável e/ou bom. Essa questão vem ao encontro das questões sociais da leitura já relatadas no decorrer do trabalho, onde as classes oprimidas não percebem a leitura como fonte de prazer, limitando-a para a mera reprodução de trabalhos.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tentamos com esse trabalho trazer algumas discussões sobre a leitura na universidade, demonstrando sua relevância em todas as esferas educacionais e sociais, focando no curso de Pedagogia por acreditar ser ele uma das possíveis portas de acesso à transformação do processo educacional de todo país que carece de muitas soluções.

Podemos afirmar, a partir dos dados coletados e analisados, que há uma falta de comprometimento dos alunos quanto sua formação acadêmica, mas que estes não podem ser responsabilizados sozinhos, pois essa é a reação de longos e dolorosos processos de exclusão social, famílias desestruturadas, sistema educacional precário, dentre outros motivos. Sabemos que o objetivo não é procurar culpados, apesar de ser importante saber onde está o problema, mas deve-se focar em elaborar soluções que contribuam para a construção de uma sociedade leitora, onde todos sejam capazes de ler, criticar, pensar, tornando-se sujeitos de transformação do seu mundo.

Diante dos dados apresentados no decorrer do texto, vimos que os alunos que adentram o curso de licenciatura em Pedagogia, trazem desde a infância deficiências de leitura, o que exige deles maior engajamento para a construção de sua formação acadêmica. Porém, ao analisarmos as respostas dos alunos do 5º e 9º período, percebe-se que mesmo frequentando um curso de nível superior que, em tese, os prepararam para serem futuros formadores de leitores, persiste a obrigatoriedade da leitura, formando-se sem possuir hábitos regulares de leitura, o que conseqüentemente dificultará sua atuação profissional futura.

Outro ponto que confirma as observações realizadas preliminarmente é a influência do aspecto socioeconômico do aluno no seu processo de formação, pois o ambiente onde se está inserido exerce grande influência em sua maneira de ver e receber a leitura. Isso porque, possuindo a maioria dos alunos que frequentam o curso de licenciatura em Pedagogia da UFT, pais que não possuem o hábito de ler, estes deixaram para a escola a função de apresentar e trabalhar com seus filhos o mundo letrado. É importante ressaltar mais uma vez, que a exclusão do mundo da leitura, principalmente a literária, ocorre de forma projetada para dificultar a tomada de consciência crítica, assegurando o poder de dominação da elite sobre a grande massa.

Os levantamentos mostraram também que apesar dos alunos afirmarem possuir o gosto de ler, a maioria opta por formas de lazer que se distanciam dos livros. Outro fato que nos preocupa se dá por eles se dedicarem até no máximo 1 (uma) hora por dia a leitura, sendo esse tempo insuficiente até mesmo para as leituras básicas exigidas no decorrer do curso.

De posse desses dados, espera-se que os acadêmicos do curso de Pedagogia se conscientizem que, mesmo com todos os problemas relacionados e já citados, isso não os impedem de buscar melhores condições de vida e que sem a leitura de pouco adiantará o diploma que almejam. Além dessa tomada de consciência por parte dos acadêmicos, espera-se também que a universidade entenda a fragilidade da sua atuação enquanto mediadora do conhecimento, buscando caminhos para se conseguir um papel ativo na sociedade. Algumas medidas já estão sendo tomadas, como a criação do projeto “Rodas de leituras”, instituído na Câmpus a partir do ano de 2015 e que visa possibilitar a construção do aluno enquanto leitor. No entanto, ações isoladas como estas não serão o suficiente.

Outro ponto que merece maior atenção é averiguar se a cidade de Arraias - TO que é beneficiada com uma instituição de nível superior, onde os alunos que ali estudam advêm em sua maioria dela, sofre transformações significativas na qualidade de vida de sua população no que se refere ao acesso aos bens culturais, principalmente o da leitura.

Por se tratar de um tema amplo e complexo, deixamos o caminho aberto para a realização de outros trabalhos, podendo ser o objetivo de uma futura pesquisa investigar se os alunos que estudam no período noturno se diferenciam quanto aos seus hábitos de leitura. Enfim, pode-se sugerir que seja elaborada uma pesquisa que realize intervenções nesse cenário precário de não leitores da UFT, oferecendo à universidade caminhos possíveis para o rompimento de barreiras históricas.

Com esse mapeamento, espera-se continuar a discussão sobre a importância do ato de ler para a formação universitária, principalmente nos cursos de licenciatura em Pedagogia que forma os futuros mediadores/incentivadores da leitura para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

BUARQUE, Cristovam. **A Revolução Republicana na Educação**: ensino de qualidade para todos. São Paulo: Moderna, 2011.

FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAMBERT, Jean. **Leitura em questão**. São Paulo: Artes Médicas, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1976.

STEPHANI, Adriana Demite. **Atividades de leitura literária no Ensino Médio do Distrito Federal**: um estudo em perspectiva dialógica. Tese de Doutorado. Brasília (DF): UnB, 2014.

_____. O desafio da ampliação da cultura da leitura na Universidade: um trabalho no interior do Tocantins. 2011. Comunicação apresentada no **Seminário Internacional de Políticas e Práticas de Leitura e V Encontro Internacional da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-RIO**. Goiânia: UFG, 13 a 16 de setembro de 2011.

_____. **Vício circulosos**: o papel da Universidade na (má)formação do leitor de literatura no nordeste goiano. Dissertação de Mestrado. Brasília (DF): UnB, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

WENZEL, Renato Luiz. **Professor**: Agente da educação São Paulo: Papyrus, 1994.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Arraias. Grupo de Pesquisa "A Leitura e a produção textual na graduação: o real e o ideal". Especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: safiramicabelle@uft.edu.br

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília, Professora Adjunta II da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Arraias. Grupo de Pesquisa "A Leitura e a produção textual na graduação: o real e o ideal". E-mail: astephani@uft.edu.br

Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), Professora Adjunta II da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Arraias. Grupo de Pesquisa "A Leitura e a produção textual na graduação: o real e o ideal". E-mail: neiva@uft.edu.br